



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

ESTER ESTEVÃO DA SILVA

**EU, XICA DA SILVA, MULHER, NEGRA E SEXUALIZADA, MAS FAÇO
PARTE DA HISTÓRIA DO BRASIL**

**GUARABIRA
2021**

ESTER ESTEVÃO DA SILVA

**EU, XICA DA SILVA, MULHER, NEGRA E SEXUALIZADA, MAS FAÇO
PARTE DA HISTÓRIA DO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento do Curso Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Gênero.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz

**GUARABIRA
2021**

S586e Silva, Ester Estevao da.

Eu, Xica da Silva, mulher, negra e sexualizada, mas faço parte da história do Brasil [manuscrito] / Ester Estevao da Silva. - 2021.

41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura. 2. Afro-brasileira. 3. Personagem. 4. Xica da Silva. I. Título

21. ed. CDD 981

ESTER ESTEVÃO DA SILVA

EU, XICA DA SILVA, MULHER, NEGRA E SEXUALIZADA, MAS FAÇO
PARTE DA HISTÓRIA DO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado ao
Departamento do Curso Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Letras – Habilitação em
Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura,
Discurso e Gênero.

Aprovada em: 20 de maio de 2021.

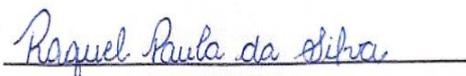
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Esp. Raquel Paula da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, minha mãe, meu irmão
e minha avó, por todo apoio,
paciência, carinho e credibilidade
destinados a mim, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar saúde, força, paciência, coragem e capacidade, para lidar com a graduação em tempos adversos.

Ao meu pai, pelo esforço feito, em virtude da minha formação acadêmica, desde meus primeiros anos letivos, e por ser o principal incentivador do meu sucesso e da minha perseverança na graduação.

A minha mãe, pela paciência e compreensão nos meus momentos de crise, pela força que tem me passado durante toda a vida, além da dedicação e apoio emocional neste processo.

A minha avó, Margarida, pelo acolhimento em sua casa e pelo cuidado e paciência comigo durante todo esse tempo.

Ao professor mestre Rafael Francisco Braz, pelos ensinamentos, compreensão e apoio, pois ele me capacitou como profissional e como ser humano. Sou grata por sua amizade, por ter me dado força, energia e coragem, não apenas para concluir a graduação, mas também para exercê-la. Saiba que eu o tenho como meu principal exemplo.

A mim, pela coragem, dedicação, esforço, força, garra e determinação durante toda minha vida acadêmica.

“Xica encarnava exatamente a loucura de uma época, louca também, sem medidas nem termos [...]” (SANTOS, 2007, p. 100).

RESUMO

A literatura de expressão afro-brasileira abrange as obras literárias escritas no Brasil, por autores de etnia negra, que retratam a identidade cultural nacional, por meio do resgate das matrizes africanas, constituintes na herança social brasileira. Portanto, essa literatura, além de evidenciar os desafios étnico-raciais, existentes em uma sociedade miscigenada e de pensamento (ainda) escravocrata, ressignifica o lugar e o papel social do negro, através da negritude. Nesse sentido, este estudo se propôs a investigar a categoria temática da literatura de expressão afro-brasileira e a categoria analítica da personagem na obra *Xica da Silva*, de João Felício dos Santos, tendo por enfoque a análise acerca da representação de uma personagem histórica negra expressa na obra, bem como o perpasso histórico-social do estereótipo como elemento discriminatório na sociedade brasileira, desde o período colonialista. Este estudo lançou mão dos pressupostos teóricos, postulados por Duarte (2000 e 2011), Moisés (2004), Reis e Lopes (1988), Brait (1990), Aguiar e Silva (1990), Franco Júnior (2005) e Lukács (2011). A análise mostrou que evidenciar uma personagem negra como protagonista, de forma estereotipada e carregada de atribuições negativas, evidencia a existência histórica de um perpasso discriminatório e racista sobre o negro e suas atribuições na literatura brasileira, ocorrendo, neste caso, através da abordagem de uma personagem histórica, que ressignificou o lugar social do negro em sua trajetória.

Palavras-Chave: Literatura Afro-brasileira. Personagem. Xica da Silva.

RESUMEN

La literatura de expresión afrobrasileña, por tanto, abarca obras literarias escritas en Brasil por autores de etnia negra, que retratan la identidad cultural nacional a través del rescate de las matrices africanas que forman parte de la herencia social brasileña. Por lo tanto, esta literatura, además de resaltar los desafíos étnico-raciales que existen en una sociedad de pensamiento mixto y esclavocrático, redefine el lugar y el rol social de los negros a través de la negritud. Proponemos investigar la categoría temática de la literatura de expresión afrobrasileña y la categoría analítica del personaje en la obra *Xica da Silva*, de João Felício dos Santos, enfocándonos en el análisis de la representación de un personaje histórico negro expresado en la obra, así como, la persecución sociohistórica del estereotipo como elemento discriminatorio en la sociedad brasileña, desde el período colonialista. Para este estudio utilizamos los supuestos teóricos postulados por Duarte (2000 e 2011), Moisés (2004), Reis e Lopes (1988), Brait (1990), Aguiar e Silva (1990) e Franco Júnior (2005) e Lukács (2011). El análisis mostró que evidenciar un personaje negro como protagonistas de manera estereotipada y cargada de atribuciones negativas muestra la existencia histórica de una postura discriminatoria y racista sobre las personas negras y sus atribuciones en la literatura brasileña y, en este caso, ocurren a través del enfoque de un personaje histórico que redefinió el lugar social de los negros en su trayectoria.

Palabras clave: Literatura Afrobrasileña. Personaje. Xica da Silva.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: BREVES APONTAMENTOS	12
3	PERFIL BIOBIBLIOGRÁFICO DO AUTOR.....	22
4	METODOLOGIA	24
4.1	Etapas da pesquisa.....	25
5	EU, XICA DA SILVA.....	26
5.1	Eu, Chica ou Xica da Silva, romantizada na história.....	32
6	CONCLUSÃO	38
	REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

A tentativa colonialista de anular a identidade das vítimas da diáspora africana acarretou em um silenciamento histórico da figura negra frente às opressões do homem branco. Logo, como modo de expressão frente à luta por liberdade e independência, em países do continente africano e com o intuito de romper a imagem de inferioridade e marginalização dos negros, neste processo, dá-se início à literatura negra.

A literatura negra consiste em obras de autoria e temática negra, que buscam resgatar a subjetividade racial e cultural do negro, através do registro da voz de um povo silenciado pela opressão. No Brasil, a série *Cadernos Negros* (1978) trouxe uma coletânea de obras que abordam a temática negra, ressignificando o conceito de literatura negra no Brasil, dando origem à literatura afro-brasileira.

A literatura de expressão afro-brasileira abrange, portanto, as obras literárias escritas no Brasil, por autores de etnia negra, que retratam a identidade cultural nacional, por meio do resgate das matrizes africanas, constituintes na herança social brasileira. Portanto, essa literatura, além de evidenciar os desafios étnico-raciais, existentes em uma sociedade miscigenada e de pensamento (ainda) escravocrata, indica o lugar e o papel social do negro, através da negritude.

Dessa forma, no intuito de ressaltar a importância da cultura negra na sociedade brasileira, a Lei de nº 10.639/03 torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, nas instituições de ensino de todo o Brasil, de modo que o negro, historicamente retratado apenas como uma figura escravizada, passa a ocupar o espaço de elemento essencial na constituição social, econômica e política do Brasil.

Apesar dessa modificação ter ocorrido há 17 anos, a implementação dos estudos acerca da literatura de expressão afro-brasileira, como componente curricular obrigatório nos cursos de graduação, da Universidade Estadual da Paraíba, acontece de forma tardia, em meados de 2020. Essa nova realidade tende, portanto, a difundir o conhecimento social acerca dos autores e obras de cunho afro-brasileiro, propiciando uma capacitação dos docentes para a abordagem dessa literatura nas salas de aula.

Nesse sentido, propomos investigar a categoria temática da literatura de expressão afro-brasileira e a categoria analítica da estereotipização da personagem

negra na obra *Xica da Silva*, de João Felício dos Santos. Diante disso, temos por enfoque a análise acerca da representação de uma personagem histórica negra, através de uma personagem da ficção, bem como o perpasso histórico-social do estereótipo como elemento discriminatório na sociedade brasileira, desde o período colonialista.

A obra *corpus* desta pesquisa tem como trama narrativa a vida de Xica da Silva, uma jovem escrava, do Arraial do Tijuco, em Minas Gerais, que adquire a alforria ao se envolver em concubinato com o desembargador e comprador de diamantes João Fernandes de Oliveira. O romance aborda, portanto, a quebra de paradigmas históricos, com a ascensão de uma mulher negra no período colonial.

A obra *Xica da Silva*, de João Felício dos Santos, é de extrema relevância social, pois retrata a figura histórica de Francisca da Silva de Oliveira – uma escrava que adquire a alforria e ascende socialmente no distrito de Serro Frio - MG – e evidencia o mito social, a distorção e o demérito existente acerca da ascensão da mulher negra no Brasil.

O autor pós-moderno João Felício dos Santos é consagrado por seus romances históricos, nos quais retrata fases importantes do Brasil e resgata personagens históricos célebres. Portanto, as obras dele são de extrema relevância social, pois representam acontecimentos históricos em linguagem simples e acessível ao público, sem perder o caráter memorial que esses episódios possuem.

Para atingir os objetivos pré-estabelecidos, tomamos por base a metodologia de cunho qualitativo-interpretativo, uma vez que utilizamos a literatura como fonte direta para a coleta de dados, no intuito de compreender impasses históricos, políticos e sociais existentes na sociedade brasileira a partir da análise narrativa da personagem-objeto deste estudo.

Sendo assim, justificamos a pesquisa acerca da representação da personagem Xica da Silva, na obra de João Felício dos Santos, para que sirva de material conscientizador e de pesquisa a professores e alunos sobre a deturpação e demérito histórico da ascensão social da mulher negra, bem como material elucidativo acerca do pensamento misógino, discriminatório, político e social que se perpetua na sociedade brasileira.

Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos, postulados por Duarte (2000 e 2011), no tocante à literatura afro-brasileira. No que compete à exposição do léxico, existente na literatura afro-brasileira, usamos o conhecimento

de Ferreira (2006). Acerca da categoria analítica “a personagem”, nos embasamos em Moisés (2004), Reis e Lopes (1988), Brait (1990), Aguiar e Silva (1990) e Franco Júnior (2005). Por fim, nos remetemos a Lukács (2011), no que tange à teoria do romance histórico.

Além desta seção introdutória, este artigo está dividido em sete unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, realizamos breves apontamentos acerca da literatura de cunho afro-brasileiro. Logo após, traçamos o perfil biobibliográfico do autor João Felício dos Santos. Em seguida, situamos a metodologia utilizada na elaboração desta pesquisa, bem como as etapas percorridas.

Posteriormente, destacamos o *corpus* de análise, para discussão e apontamentos, a partir da explanação da categoria narrativa “a personagem”, por meio da teoria do romance histórico, da obra de João Felício dos Santos e suas respectivas representações. Ainda nesta seção, estabelecemos um comparativo entre a personagem histórica Chica da Silva e sua representação na personagem da ficção. Por último, apresentamos algumas considerações acerca da análise deste estudo e as referências utilizadas neste.

Este artigo busca contribuir para realização de futuras pesquisas acerca do caráter formativo da identidade negra no Brasil, através da abordagem da construção analítica da personagem, *corpus* desta análise, como representação histórica do lugar e do papel social das mulheres negras na sociedade brasileira, bem como servir de subsídio para a abordagem da literatura afro-brasileira em instituições de ensino, como previsto pela Lei 10.639/03.

2 LITERATURA AFRO- BRASILEIRA: BREVES APONTAMENTOS

A literatura de um povo reflete seus costumes e sua cultura. Diante dessa afirmação, observa-se que a literatura brasileira reproduz quase que veementemente seu histórico cultural, uma vez que, em suas obras, o branco ganha lugar de destaque frente às demais raças, de modo a ocupar lugares de poder. E, mesmo quando é negativamente retratado, é visto como uma exceção do modelo “branco” de ser.

Dessa forma, na literatura brasileira, uma parcela de autores – majoritariamente brancos – reproduz personagens brancos em suas obras e tende a representá-los em posições de privilégio à medida que os negros e mestiços ocupavam lugares subalternos, marcados pela distinção étnica e social, além da constante estereotipização da raça.

Apesar de a produção literária abordar a subjetividade negra desde o século XIX, o conceito de literatura negra é definido a partir dos movimentos negros em meados do século XX, nos quais uma parcela social, na luta pelos direitos civis de sua raça, elaborou obras, em tom de denúncia, acerca da segregação racial, surgindo como meio de expressão frente à luta por liberdade em países autoritariamente brancos.

A literatura negra surge, portanto, como forma de exposição e divulgação de uma ótica subjetiva individual e social da raça negra, que passa a ocupar a posição de protagonista e autora de suas próprias histórias e vivências, atuando na quebra dos paradigmas pré-existentes na literatura e retratando as desigualdades étnico-raciais, através de figuras negras que foram/são sujeitadas durante o processo histórico.

Nessa perspectiva, a criação da série *Cadernos Negros* (1978) consolidou a literatura negra no Brasil, ao evidenciar o relato dos oprimidos frente à opressão em tom de protesto e resistência. A esse respeito, Duarte (2011, p. 7) ressalta que “tais escritos polemizam com o discurso colonial que, conforme salienta Fanon (1983), trabalha pelo apagamento de toda história, cultura e civilização existentes para aquém ou além dos limites da sociedade branca dominante”.

Diante das escassas produções de autores negros, devido às poucas oportunidades e espaços disponibilizados, “majoritariamente foram os autores brancos que cumpriram a função de escrever, “de fora para dentro”, os

afrodescendentes, em suas mais variadas formas, até a consolidação de um sistema literário que os representasse “de dentro para fora” (OLIVEIRA, 2018, p. 1).

Diante disso, “há sensíveis diferenças entre a poesia negra escrita por afro-brasileiros e a escrita por brancos” (DAMASCENO, 1988, p. 125 apud DUARTE, 2011, p. 3), evidencia-se, assim, a dicotomia existente entre a literatura que aborda o negro a partir da escrita de autores de etnia branca e a literatura que aborda o negro a partir da escrita de autores negros ou descendentes.

Para tanto, em busca de uma conceituação mais abrangente entre as duas vertentes, tendo em mente o viés temático das obras, destacam-se as reflexões de Proença Filho (1988, p. 78 apud Duarte, 2011, p. 3):

À luz dessas observações, será **negra**, em sentido restrito, uma literatura feita por negros ou descendentes assumidos de negros, e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas, se caracteriza por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularização cultural. **Lato sensu**, será a arte literária feita por quem quer que seja, desde que reveladora de dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros (grifo do autor)

Além da “existência de uma voz narrativa negra ser por si só um fato inusitado na ficção brasileira, mesmo contemporânea” (DUARTE, 2015, p. 2), a existência de um processo de “embranquecimento mental” do negro resulta na constante busca por distanciamento da própria identidade racial, o que, conseqüentemente, tende a se refletir na literatura, uma vez que “tais sujeitos edificam para si a imagem de brancos e se tornam eles próprios agentes do preconceito” (DUARTE, 2000, p. 5).

Nessa linha de pensamento, Duarte (2011, p. 5) argumenta que “o processo de hibridização étnica e linguística, religiosa e cultural”, advinda do “tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos” propiciou perspectivas embranquecidas dos autores afro-brasileiros, gerando, na literatura, uma “negação da afrodescendência” e, conseqüentemente, uma acomodação frente a “questão racial e das desigualdades dela decorrentes” (DUARTE, 2000, p. 5), como descrito a seguir:

E se a mestiçagem transforma-se em marca da identidade nacional, essa construção traz implícita consigo a acomodação diluidora que orienta em grande medida a leitura das relações interétnicas no Brasil, sem que haja um enfrentamento dos conflitos que esculpem a face invisível do mito que nos quer explicar. (FONSECA, 2000 apud DUARTE 2000, p. 4)

A literatura de cunho afro-brasileira surge, então, a partir da perspectiva pós-colonialista de resgate à identidade negra, a qual busca romper com a ótica de subalternidade e de embranquecimento sociocultural, acarretado pelo processo escravista, através da valorização das matrizes africanas e de sua memória ancestral.

Para tanto, nessas obras de cunho afro-brasileiro “sobressai o tema do negro, enquanto individualidade e coletividade, inserção social e memória cultural” (DUARTE, 2011, p. 2).

Desse modo, essa literatura tende a retratar não apenas os preconceitos étnico-raciais, perpassados historicamente e vivenciados pelos afrodescendentes em uma (ironicamente chamada) “democracia racial” na modernidade contemporânea, mas também evidenciar a figura negra como propulsora da mudança, ao ocupar espaços sociais que, até então, eram designados exclusivamente aos brancos. Assim, a literatura afro-brasileira se difere da literatura negra a partir dos seguintes fatores:

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo). (LOBO, 2007, p. 315)

O romance histórico *Xica da Silva* apresenta, portanto, uma literatura sobre o negro, uma vez que, a partir do "lugar do qual o autor expressa sua visão de mundo" (DUARTE, 2011, p. 6), a condição negra é narrada como objeto, numa visão distanciada. Tal produção se volta ao exotismo da figura negra e reproduz “estereótipos atrelados à semântica do preconceito” (DUARTE, 2011, p. 3).

Diante disso, evidencia-se a presença de uma linguagem de cunho racista, atribuindo características pejorativas às figuras "de cor" e à constante estereotipização do negro. Como principal exemplo e enfoque da obra, ressaltamos a própria protagonista Xica da Silva, que é amplamente sexualizada e erotizada durante todo o percurso da obra.

A partir disso, buscaremos uma conceituação acerca da literatura de cunho afro-brasileiro, a qual o romance histórico em questão é o corpus de análise desta pesquisa. Para isso, faz-se necessário a investigação acerca das características presentes no romance. Dessa forma, tendo em vista que se trata de um conceito em

construção e que as obras constituintes da literatura de cunho afro-brasileiro são "múltiplas e diversas" (DUARTE, 2011, p. 1), ela passa a ser condicionada, de acordo com os seguintes identificadores:

[...] uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo (DUARTE, 2011, p. 7).

Vale dizer que, isoladamente, "nenhum desses elementos propicia o pertencimento à literatura afro-brasileira, mas sim o resultado de sua inter-relação" (DUARTE, 2011, p. 15).

Para tanto, a temática da obra é um dos fatores que a categorizam dentro da literatura afro-brasileira, pois "pode contemplar o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas consequências, ou ir à glorificação de heróis como Zumbi dos Palmares" (DUARTE, 2011, p. 7).

Nesta perspectiva, Duarte (2011, p. 7) afirma que "a temática afro-brasileira abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o novo mundo, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito quase sempre à oralidade" e que, além disso, "elementos rituais e religiosos são presença constante em inúmeros autores".

Na obra corpus de análise, observamos a presença constante da celebração de "vínculos com a ancestralidade africana" (DUARTE, 2011, p. 8), uma vez que a sexualização de Xica é diretamente atrelada à raça. Tal ancestralidade também é evidenciada como motivadora de sua exclusão. Isso pode ser observado no fragmento em que ela é impedida de entrar na igreja, pois "só gente branca, sem mancha de sangue africano, podia ir ver a missa bonita da igreja do Carmo" (SANTOS, 2007, p. 95).

Acerca da autoria das obras e sua definição, Duarte (2011, p. 8) aponta que

A instância da autoria é das mais controversas, pois implica a consideração de fatores biográficos ou fenotípicos, com todas as dificuldades daí decorrentes e, ainda, a defesa feita por alguns estudiosos de uma literatura afro-brasileira de autoria branca. No primeiro caso, há que atentar para a abertura implícita ao sentido da expressão afro-brasileiro, a fim de abarcar as identidades compósitas oriundas do processo miscigenador. No

segundo, corre-se o risco de reduzir essa produção ao negrismo, entendido como utilização, por quem quer que seja, de assuntos atinentes aos negros.

Diante disso, vale salientar que João Felício dos Santos – autor do romance histórico *Xica da Silva* – é um autor de etnia branca e aborda a individualidade da figura protagonista, ao evidenciar sua ascensão social, fazendo uso de um viés negrista, ao atribuir uma imagem estereotipada, de extrema sexualização e erotização da figura negra.

Nessa perspectiva, exemplifica-se o termo “negrista”, utilizado a partir da abordagem feita por Oliveira (2018, p. 3), ao afirmar que

Tal como entendido por Jorge Schwartz, o negrismo admite uma linhagem de autores que (re)produziram um vasto “repertório importado”, um discurso plástico, na maioria das vezes enunciado por uma elite branca e que incorporou temáticas relativas ao universo negro, a fim de divulgá-las junto a um público também branco e da própria elite.

Acerca do ponto de vista do autor, observa-se que limitá-lo a "ascendência africana ou a temática abordada não é suficiente" (DUARTE, 2011, p. 10). Para tanto, é importante frisar que João Felício dos Santos aborda, em grande parte de suas obras, romances históricos, buscando resgatar, através da história do Brasil, personagens históricos. Dessa forma, frisamos aqui o resgate de personagens negros de importante participação na história brasileira, como *Xica da Silva*.

A obra *Xica da Silva* (2007) possui um narrador-observador, de modo que o discurso ocorre em terceira pessoa e o distancia da personagem. Além da distância narrativa, ocorre também uma abordagem do negro como um ser que o narrador não parece se identificar durante o decorrer do romance. Diante disso, Proença Filho (2004, p. 161) afirma que

A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante.

Dessa forma, na obra *Xica da Silva*, é evidenciada, constantemente, uma visão de pretensa inferioridade acerca da personagem negra, estereotipada e subalterna frente às figuras brancas, mesmo após sua inclusão na elite. Para tanto, o estereótipo de escravo nobre é atrelado à *Xica*, uma vez que ela “vence por força

de seu branqueamento, embora a custo de muito sacrifício e humilhação” (FILHO, 2004, p. 162).

Vale evidenciar que, na obra, Xica da Silva sofre um processo de embranquecimento, em que a protagonista se “molda” aos costumes da elite branca, incorporando alguns de seus costumes, na tentativa de se “inserir” no meio, onde, mesmo inclusa, é vista como inferior e de presença “desagradável”, apenas por sua etnia e raça.

Na obra, essa abordagem tem por intuito evidenciar a falsa ideia de “democracia racial”, existente no Brasil, através da inclusão e “aceitação” de uma pessoa negra na elite branca, como evidenciada no fragmento a seguir, que narra a reação da sociedade com a ascensão social de Xica da Silva:

E o povo reagia já nas margens do absurdo! Escancaram-se os olhos e janelas com rótulas e bocas. [...]
E vinham apoios mudos de cabeça misturados com sabugices, rapapés cheios de falsidade e inveja, vontades abertas de cumprimentar, de alguém ser visto e destacado por Xica-Foguete, no meio da gente.
E havia narizes torcidos às escondidas, com medo de serem notados por Xica; caras fechadas em reprovações que se abriam, facinho, se rasgavam em sorrisos, à aproximação da cadeirinha bonita. E havia murmúrios conjuntos e isolados a se misturar com risos sinceros, com francos aplausos... Xica via tudo! Xica, picada de cobra em soluços de fogo, gozava com uns e com outros, mostrava os sapatos, pairava no ar a luva de preço, com mais de cem botões de madreperla rosa; recomendava aos meninos maior lentidão, queria demora na exibição, colher mais aplausos, e ódios e invejas (SANTOS, 2007, p. 100-101).

A linguagem, segundo Duarte (2011, p. 12), expressa “valores éticos, culturais, políticos e ideológicos”. Para tanto, evidencia-se que, na obra utilizada para esta pesquisa, se faz presente um “vocabulário pertencente às práticas linguísticas, oriundas da África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil”, como exemplifica Santos (2007, p. 187): “Dessa vez, vinham, todos, tocando atabaques e tamborins; pandeiros e reco-recos; cantando melopéias africanas, dançando lundus de umbigada, jogando pros lados perfumes e flores”.

Além disso, termos pejorativos, atrelados à figura negra, se fazem presentes durante toda a narrativa, como no termo “asa-negra” (SANTOS, 2007 p. 200), que é utilizado para atribuir uma característica negativa a alguém. Evidencia-se o léxico negro, de cunho pejorativo, nos seguintes fragmentos:

[...] porqueira de negra [...] (SANTOS, 2007, p .9)

[...] Diabo de negra! [...] (SANTOS, 2007, p. 10)
 [...] negra ordinária [...] (SANTOS, 2007, p. 15)
 [...] negrinha [...] (SANTOS, 2007, p. 21)
 [...] pretinha gaiata [...] (SANTOS, 2007, p. 22)
 [...] a negra [...] (SANTOS, 2007, p. 24)
 [...] cachorra de negra, saca de merda! (SANTOS, 2007, p. 114)
 [...] negrinha ranhuda [...] (SANTOS, 2007, p. 127)
 [...] negra do contratador [...] (SANTOS, 2007, p. 143)
 [...] negra sem pejo [...] (SANTOS, 2007, p. 230)
 [...] Escrava! Negra do ganho! [...] (SANTOS, 2007, p. 231)

Acerca disso, Duarte (2011, p. 12) afirma que “termos como negro, negra, crioulo ou mulata, para ficarmos nos exemplos mais evidentes, circulam no Brasil carregados de sentidos pejorativos e tornam-se verdadeiros tabus linguísticos no âmbito da “cordialidade” que caracteriza o racismo à brasileira”.

A estereotipização, como parte da linguagem utilizada na obra, é um dos fatores marcantes nesta, visto que a hipersexualidade, atrelada à personagem, tornou-se sua principal característica. Diante disso, acerca da atribuição dos estereótipos às figuras negras, Abrahão e Soares (2011, p. 270) pontuam que

Em relação ao negro, poder-se-ia dizer que o preconceito racial consiste, em certo sentido, num característico sistema de reações estereotipadas, mais ou menos integradas, que são adquiridas, por diversos modos, na vida social – não no contato com o negro, mas através da assimilação das opiniões existentes sobre os negros.

Nessa perspectiva, observa-se que a estereotipização da personagem afro-brasileira, verificada na obra, evidencia correntes de opinião, ideologias e movimentos sociais existentes em torno da raça negra, pois, conforme os autores em questão,

[...] É de fundamental importância compreender que "um estereótipo nunca é neutro", como diz Lippmann; ele é forjado e está sempre refletindo situações de conflito social, recorda Kimball Young (apud COSTA PINTO, 1953, p. 187). Somente encarando-o dentro dessa perspectiva é possível compreender a função que os estereótipos assumem na dinâmica social. (ABRAHÃO; SOARES, 2011, p. 271).

Dessa forma, no decorrer da narrativa, são atrelados à protagonista diversos substantivos e adjetivos, como “mulata-sestro-sexo” (SANTOS, 2007, p. 19), para ressaltar a “singular habilidade trazida no sangue, e desde muito cedo despertada sozinha, para fazer transbordar o instinto africano” (SANTOS, 2007, p. 108) de Xica da Silva, uma vez que a própria narrativa evidencia que ela fora vendida “barato até”,

“por imprestabilidade para seus carinhos inconclusos”, “ao sargento viúvo para dar-lhe cor à casa solteira de fêmea” (SANTOS, 2007, p. 14).

Diante disso, pontuam-se alguns estereótipos atrelados à personagem Xica, desde a negra pervertida – a qual o instinto, diretamente correlacionado à raça africana, aparece sempre aflorado e fica evidente na promiscuidade de Xica com seus senhores – à mulata “erotizada, sensualíssima, objeto sexual”, que “contribui fortemente para a visão simpática e valorizadora de inúmeros traços da presença das manifestações ligadas ao negro na cultura brasileira, embora não consiga escapar das armadilhas do estereótipo” (FILHO, 2004, p. 166).

Nessa perspectiva, no decorrer do romance, Xica da Silva é descrita, frisando a erotização de seu corpo, como observado a seguir:

Xica era doce e tinha sabor na pele aflorada. E Xica gostava de ser bem mordida, por isso passava no corpo umburana [...] (SANTOS, 2007, p. 14) [...] as pernas de Xica, a bata da Xica frouxa demais nos devantes redondos, novinhos, fecundos, machucados nos bicos escuros da raça [...] (SANTOS, 2007, p. 19-20)

Divertida, sem esperar mais nada, Xica obedeceu correndo. Atirou-se entre os joelhos do intendente que tremiam pela delícia da expectativa e abriu bem a boca bonita uma graça com um olho no amo que se inquietaciava e outro em Zezé, já bem refeito dos duros desgastes de há pouco, no porão. Ao mesmo tempo, Xica deu de se rir do jeito de dona Hortênsia olhar pro marido a meter-lhe, apressado que nem galo trepando, os dedos no roxo das gengivas antes de alisar-lhes as bochechas, o queixo, a carapinha asseada, o pescoço fino, as espáduas não tanto, descendo sempre mais até a concha dos braços guardadas em úmidas penugens, brilhando de recente apostado de suco de limão bravo, e os peitos carnudos, rombudos em acolhedoras cordialidades (SANTOS, 2007, p. 21-22).

Nesse ponto, torna-se importante evidenciar o mito da hipersexualização e da erotização da figura negra, condicionado por Joaquim Felício dos Santos, na obra documental *Memórias do Distrito Diamantino Comarca de Serro Frio*, na qual narra a história do Distrito de Serro Frio e o processo de extração de diamantes nas Minas Gerais. Nessa narrativa, a personagem histórica Francisca da Silva de Oliveira – personagem representada por Xica da Silva – é descrita da seguinte forma:

Tinha as feições grosseiras, alta, corpulenta, trazia a cabeça raspada e coberta com uma cabeleira anelada em cachos pendentes, como então se usava; não possuía graças, não possuía beleza, não possuía espírito, não tivera educação, enfim não possuía atrativo algum, que pudesse justificar uma forte paixão” (SANTOS, 1868, p. 144).

Para tanto, observa-se uma criação ou adaptação da imagem da personagem

representada, sendo atrelados a ela diversos estereótipos existentes acerca da figura negra, reduzindo-a tão somente a essa característica durante o percurso da obra.

Ainda no quesito da linguagem utilizada, nota-se que, durante toda a obra, é atribuído à personagem protagonista características que evidenciam seu estado psicológico, ou, até mesmo, atrelam a ela os acontecimentos decorrentes da narrativa, apontando-a como causadora e/ou motivadora destes. Essa caracterização se dá pelo emprego do hífen entre o nome da personagem e a característica que lhe é atribuída.

O público da obra se encontra, portanto, nos leitores, que buscam realizar o resgate histórico e observar a ascensão de uma figura negra, visto que, em se tratando da época colonial, é uma realidade de pouca ocorrência. Além disso, pode-se aplicar como público os cinéfilos, uma vez que a obra *Xica da Silva* obteve maior visibilidade por meio do cinema e das novelas, difundindo, assim, a história da personagem.

Vale frisar que a "história da personagem", a qual nos referimos, consiste numa estereotipização e moldagem da figura negra, de maneira preconceituosa, através de seu autor, João Felício dos Santos, pois, além de hipersexualizar Xica da Silva, ainda a retrata de forma opressora.

Ao analisar a obra corpus, observa-se que, apesar de retratar a ascensão de uma personagem histórica negra, o enredo evidencia, através da personagem protagonista, a subjetividade social e coletiva, de raça e de gênero, ao abordar os problemas étnico-raciais e a objetificação histórica do corpo feminino negro na obra.

Dessa forma, no que tange ao léxico desse romance, a abordagem adequada à Xica da Silva seria o termo "negrícia", pois, embora não existam conceitos válidos ao presente objeto de pesquisa em dicionários, Ferreira (2006, p. 180) cita-o, como: "[...] sentimento íntimo e natural de pertencer a um grupo, sem que essa atitude suponha um esforço ou uma construção conceitual".

Ademais, apesar de os trabalhos afro-brasileiros estarem presentes em diversos campos da atividade artística desde o período colonial, o termo "negritude" surgiria no Brasil apenas por volta do séc. XX. Bastide (1961, p. 11 apud FERREIRA, 2006, p. 163) constata que o "sentimento da negritude já existia ali antes da palavra. [Quando surge], o termo Negritude iria apenas cristaliza-lo".

Portanto, o uso da expressão "negritude" diz respeito ao resgate da

identidade negra, através da retratação da figura negra de maneira empoderada, dando-lhe um poder de representatividade e o expressivo orgulho pelas raízes africanas, como evidencia o verbete a seguir:

negritude. [De negro + -itudes.] S. f. 1. Estado ou condição de pessoas negras. 2. Ideologia característica da fase de conscientização, pelos povos negros africanos, da opressão colonialista, a qual busca reencontrar a subjetividade negra, observada objetivamente na fase pré-colonial e perdida pela dominação da cultura branca ocidental (FERREIRA, 2009, p. 1393).

Dessa forma, cabe ressaltar que a obra *Xica da Silva*, apesar da estereotipização e dos termos pejorativos, atrelados à figura negra, expressa a imagem do sujeito negro num status e num lugar social, previamente destinado apenas à figura de etnia branca.

3 PERFIL BIOBIBLIOGRÁFICO DO AUTOR

João Felício dos Santos nasceu em 14 de março de 1911, na comarca de Mendes, no estado do Rio de Janeiro; filho do engenheiro e jornalista João Felício dos Santos e de Amanda Felício dos Santos.

Exerceu a profissão de topógrafo ao ingressar no Ministério de Viação e Obras Públicas em 1932. Dessa forma, viajou, diversas vezes pelo país, a serviço do governo e também por conta própria, com o intuito de conhecer a história e os costumes nacionais, resultando em materiais para a elaboração de seus romances-históricos.

Sendo de cunho pós-modernista em seus escritos, iniciou sua atuação na literatura em 1932, com o livro de poemas *Palmeira-real*. Em 1956, lançou o livro infantil *João Bola*.

Tendo por uma de suas principais características o pioneirismo na abordagem de temas polêmicos, escreveu, logo após obter informações suficientes sobre importantes fases históricas do Nordeste, os livros *João Abade* (1958), retratando a guerra de Canudos, e *Major Calabar* (1960), no qual realiza um rigoroso retrato da invasão holandesa em Pernambuco.

No ano de 1968, publicou o romance *Carlota Joaquina - A Rainha Devassa*, (relançado em 2008, pela José Olympio), que, após décadas, daria origem ao filme de Carla Camurati. Diante disso, observa-se que o romance supracitado muito se assemelha ao romance corpus de análise desta pesquisa, o que, conseqüentemente, evidencia a ótica do autor, uma vez que, nestes romances, a figura feminina tem suas características negativas acentuadas ou direcionadas a um viés sexual, de tal modo que é atrelada a ela a culpabilidade das ocorrências trágicas da narrativa.

O romance histórico *Ganga-Zumba*, publicado em 1962, também originou o famoso espetáculo Arena conta Zumbi, de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal. Sua obra *A Guerrilheira – O Romance da Vida de Anita Garibaldi* deu origem, anos após a sua publicação – ocorrida em 1968 – ao livro e à minissérie *A Casa das Sete Mulheres*, da Rede Globo.

Graças ao cinema e às telenovelas, o romance histórico *Xica da Silva*, publicado em 1976, se transformou em sua obra de maior destaque, no qual retrata a fase histórica da exploração dos diamantes no Brasil.

Além dessas obras, que originaram filmes e livros de grande renome e propiciaram um conhecimento acerca de importantes personagens e acontecimentos históricos do país, João Felício dos Santos também publicou: *O pântano também reflete estrelas* (romance/1949); *Cristo de lama* (romance/1964); *A Menina e o Navio* (infantil/1964); *Canto Geral das Minas de Goytacazes* (poesias/1965); *Zag, Zeg, Zig no espaço* (infantil/1967); *Atáide, azul e vermelho* (romance/1969); *Do Ipiranga à Transamazônica* (infantil/1972); *O Doquinho* (infantil/1973); *A Marca e o Logotipo Brasileiros* (livro técnico/1974); *Nico Piá* (infantil/1975); *Os Trilhos* (romance/1976); *Benedita Torreão da Sangria Desatada* (1983) e *Margueira Amarga*, romance, de 1985, com ilustrações de Poty.

O escritor fez parte da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Foi perseguido pelos catedráticos da histórica e quase enquadrado no AI-5, devido ao seu ponto de vista apresentado em suas obras, as misturas feitas entre a história do país e a ficção, bem como o fato de que, em suas obras, o autor buscava retratar o discurso dos excluídos.

Como jornalista, publicitário e funcionário público federal, trabalhou como editor chefe nas publicações da *Revista Mundo Católico*, de 1955 a 1957; na *Revista Brasil constrói* durante o ano de 1960; na *Revista Kosmopolita* e colaborou com artigos e críticas para os jornais *Correio da Manhã*, *O Globo* e *Gazeta do Rio*. Além disso, elaborou os argumentos de *Cristo de Lama*, de Wilson Silva (1966) e de *Parceiros da Noite*, de José Medeiros, em 1980.

Faleceu em 1989, aos 78 anos de idade, no Rio de Janeiro.

4 METODOLOGIA

De acordo com Gil (2002, p. 17), a pesquisa é definida como o “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.” Dessa forma, a presente pesquisa teve por motivação a compreensão acerca da formulação da identidade negra na literatura brasileira. Para tanto, neste estudo, temos por pretensão evidenciar a estereotipização do corpo negro, reproduzida na obra *Xica da Silva*, de João Felício dos Santos.

Dessa forma, o corpus desta pesquisa é de abordagem qualitativa, uma vez que, de acordo com Paiva (2019, p. 13), “acontece no mundo real com o propósito de compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais [...]”. Diante disso, utilizamos a amostra literal deste estudo para a compreensão da formulação da identidade negra na sociedade brasileira.

A partir disso, utilizamos o cunho descritivo-analítico para investigar a representação analítica da personagem histórica Francisca da Silva Oliveira, por meio da personagem de ficção Xica da Silva, na obra de João Felício dos Santos, e sua correlação com a reprodução de um pensamento misógino e discriminatório acerca das mulheres negras na literatura brasileira, através da representação ficcional de uma personagem histórica.

Sendo assim, a natureza bibliográfica se mostrou a mais coerente para a realização desta pesquisa, pois, segundo as autoras Lakatos e Marconi (2003, p. 183), a pesquisa bibliográfica “propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Além disso,

Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 183).

Portanto, “a metodologia organiza-se em torno de um quadro de referências, decorrente de atitudes, crenças e valores que se configuram como concepções de mundo, de vida e de conhecimento” (GHEDIN; SANTORO FRANCO, 2008, p. 108 apud PINHEIRO, 2011, p. 49).

Foram utilizadas, para a elaboração de um pensamento crítico acerca da representatividade, expressa na personagem Xica da Silva, na obra de João Felício dos Santos, as teorias de Duarte (2000; 2011), Ferreira (2006), Moisés (2004), Reis

e Lopes (1988), Brait (1990), Aguiar e Silva (1990), Franco Júnior (2005) e Lukács (2011).

Para tanto, ciente de que a democracia racial é um mito e que pessoas pretas ocupam, historicamente, lugares secundários e de subserviência na sociedade, buscamos evidenciar a elaboração sócio-histórica de uma perspectiva distorcida da identidade negra e afro-brasileira na literatura brasileira, através da reprodução da ascensão social de uma personagem histórica negra do século XVIII.

Assim, a presente pesquisa de conclusão de curso da graduação possibilitou a formação de um pensamento crítico, por meio de um procedimento histórico acerca do lugar social ocupado pelas mulheres negras e da elaboração do estereótipo misógino de determinada personagem histórica, na formulação analítica da personagem ficcional.

4.1 Etapas da pesquisa

Logo após a exposição, descrição e estudos acerca dos materiais bibliográficos, apresentamos a análise e, seguidamente, partimos para a realização do confronto dos dados, os quais foram obtidos através da pesquisa, sendo distribuídos em etapas da seguinte forma:

- ❖ Delimitação e leitura da obra corpus da pesquisa. Para este estudo, foi selecionada a obra *Xica da Silva*, de João Felício dos Santos;
- ❖ Pesquisa e leitura de textos bibliográficos acerca da personagem histórica Francisca de Oliveira da Silva, que originou a personagem ficcional Xica da Silva, e do autor João Felício dos Santos;
- ❖ Formulação de conceitos e delimitação da temática a ser investigada na obra;
- ❖ Pesquisas bibliográficas, para o desenvolvimento crítico do tema, em que foram apresentadas questões sobre a representatividade afro-brasileira no séc. XVIII; o romance histórico e a categoria analítica “a personagem”;
- ❖ Correlação entre os resultados obtidos durante a pesquisa e o arcabouço teórico-bibliográfico exposto, para o alcance dos objetivos propostos.

5 EU, XICA DA SILVA

De acordo com Franco Júnior (2005, p. 38), “a personagem é um dos principais elementos constitutivos na narrativa”, pois, como complementa Reis e Lopes (1988, p. 215): “A personagem evidencia a sua relevância em relatos de diversa inserção sociocultural e dos variados suportes expressivos”. Portanto, com o intuito de delimitar o corpus deste estudo acerca do elemento analítico-narrativo “personagem”, na obra *Xica da Silva* (2007), faz-se necessário destacar a definição desse termo:

PERSONAGEM - Fr. *personnage*, lat. *persona*, máscara de ator de teatro. Designa, no interior da prosa literária (conto, novela e romance") e do teatro, os seres fictícios construídos à imagem e semelhança dos seres humanos: se estes são pessoas reais, aqueles são pessoas imaginárias; se os primeiros habitam o mundo que nos cerca, os outros movem-se no espaço arquitetado pela fantasia do prosador. A própria etimologia do vocábulo assinala uma restrição semântica que merece registro: animais não podem ser personagens, menos ainda os seres inanimados de qualquer espécie. Quando aparecem no universo ficcional, os animais tendem a ser meras projeções das personagens (como no caso de Quincas Borba), ou denotam qualidades superiores à sua condição, uma espécie de inteligência humana (como a Baleia, de *Vidas Secas*), ou servem de motivo para a ação (como em *Moby Dick*). Os apólogos ou fábulas utilizam animais como protagonistas, mas envolve-os de um halo simbólico que os subtrai do círculo zoológico inferior para alçá-los ao perímetro humano (MOISÉS, 2004, p. 348).

Esta seção faz-se necessária para a compreensão do corpus a ser analisado nesta pesquisa, pois, conforme Brait (1990, p. 28), “[...] pensar a questão da personagem significa, necessariamente, percorrer alguns caminhos trilhados pela crítica no sentido de definir seu objeto e buscar o instrumental adequado à análise e à fundamentação dos juízos acerca desse objeto.”

Dessa forma, as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção, e, de acordo com Franco Júnior (2005, p. 38), “é sobre ela que recai, normalmente, a maior atenção dispensada pelo leitor, dada a ilusão da semelhança que tal elemento cria com a noção de pessoa”. Em virtude disso, no que compete à análise da personagem, Brait (1990, p. 11) faz a seguinte reflexão:

Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí, pinçar a independência, a autonomia e a “vida” desses seres de ficção.

Para tanto, apesar de o problema da personagem ser de ordem linguística, inerente ao texto e não existir fora das palavras, faz-se necessária a observação da “imitação do real”, existente na obra.

O ponto de partida do romance é uma fase histórica do Brasil-colônia: o ciclo do diamante. A obra retrata o processo de exploração de diamantes durante o século XVIII, no Arraial do Tijucu, atual Diamantina, em Minas Gerais:

A história dos diamantes no Brasil começou na Comarca do Serro Frio, nas minas gerais, por volta de 1720, coisa de vinte e cinco anos antes de Xica nascer.

Era no tempo do senhor dom João V, o rei mais nefasto de quantos Portugal teve a desventura de sustentar.

Depois, com o pseudônimo de dom José I, veio o marquês de Pombal e seu despotismo sem limites.

Mais tarde, juizinho desarranjado, dona Maria prosseguiu exaurindo a colônia da maneira mais ignóbil.

Só com dom João VI, única exceção entre seus antecessores, as coisas começaram a melhorar um pouco pras nossas bandas (SANTOS, 2007, p.8) (itálico do autor)

A personagem Xica da Silva, elemento corpus desta análise, é a representação da figura histórica Francisca da Silva de Oliveira, uma escrava brasileira, do Arraial do Tijucu, atual Diamantina, em Minas Gerais, que foi alforriada ao se unir, sem matrimônio oficial, com o desembargador João Fernandes de Oliveira, com quem teve 13 filhos. A mulata ficou conhecida pelo grande poder e luxo que obteve ao fazer parte da elite social da época.

A partir disso, salienta-se que, para esta abordagem, “o objeto de estudo será o texto literário, concebido como espaço em que, por meio de palavras, o autor vai construindo os seres que compõem o universo da ficção” (BRAIT, 1990, p. 18).

Os fragmentos escolhidos para esta análise pertencem ao romance histórico *Xica da Silva* (2007), de João Felício dos Santos, de modo que estes serão utilizados, neste momento, para verificar as estratégias que o autor dispôs para construir a personagem e a realidade ficcional, a partir da premissa do real histórico, bem como iniciar a discussão a respeito das diferenças e semelhanças existentes entre a pessoa histórica e sua representação na personagem da ficção.

De acordo com Reis e Lopes (1988, p. 214), “no texto narrativo, a função primordial do nome próprio é a identificação das personagens”. Portanto, sabendo que durante a transfiguração da figura histórica Francisca da Silva de Oliveira para a personagem ficcional Xica da Silva houve uma modificação no nome próprio, faz-se

necessária a seguinte compreensão:

O nome é muitas vezes um fator importante no processo de caracterização das personagens, sobretudo quando surge como um significado intrinsecamente motivado. Essa motivação pode resultar de uma exploração poética da materialidade do significante (através, por exemplo, do simbolismo fonético ou das conotações socioculturais que rodeiam certos nomes (REIS; LOPES, 1988, p. 214).

Esta “adaptação” do nome da personagem indica a sua principal característica, uma vez que, um dos significados do termo “Chica” (ou Xica), remete a uma dança de origem africana, considerada lasciva; dança esta bem presente na obra, para frisar e categorizar a presença da cultura africana, como evidenciado a seguir:

[...] (Xica) Arquetava, em delícias, desde o sarambeque inicial, dançado rudemente pelos escravos em volta da fogueira da entrada, até o jantar de luxo, com seus pratos exóticos e suas mucamas, em bailados mais finos, de seios de fora, pintados de ouro, as saias de roda, as batas de cores, as coifas alvinhas de anil e alecrim, pantufas vermelhas de rendas francesas, calçando os pés negros, levinhos no chão por muito dançar [...] (SANTOS, 2007, p. 118).

Logo, a conotação sociocultural, que rodeia o termo, evidencia que a lascívia é, de fato, a principal característica de Xica, uma vez que a mulata é descrita na obra como uma personagem “brincalhona, travessa, desregrada, sensual e libidinosa” (FIGUEIREDO, 2010, p. 428), como mostra o seguinte fragmento:

[...] Despida de todo, Xica acelerou passos e requebros. Já dançava francamente. Sem tirar os olhos do contratador, a ver até que ponto poderia chegar com segurança, começou a cantar um lundu de barrigada.
O sargento é que não se aguentou mais:
- Xica... pelo amor de Deus, Xica!
E Xica, indiferente ao amo, ao desespero do amo, rodava e gingava...
gingava e dançava... (SANTOS, 2007, p. 70)

Tal comportamento é constantemente atrelado à raça de Xica, como uma “singular habilidade trazida no sangue, e desde muito cedo despertada sozinha, para fazer transbordar o instinto africano” (SANTOS, 2007, p. 108). Ademais, na obra de João Felício dos Santos, a figura ficcional Xica da Silva tem sua história descrita, inicialmente, da seguinte forma:

Acontece que, alizinho, bem justamente no porão da casa, Xica batia e saia não guardando dezessete anos de idade e sacanagens diversificadas,

bastante demonstradas nos seus já dois mulatinhos tidos e havidos do padre que, agora, **por imprestabilidade para seus carinhos inconclusos, de incubo, a vendera** (barato até) ao sargento viúvo para dar-lhe cor à casa solteira de fêmea, ergueu-se num ímpeto quente bem da raça africana, como se desmanchasse, no chão, um bolo de muçuns. (SANTOS, 2007, p. 13-14) (grifo nosso)

Este trecho evidencia não apenas a história da personagem protagonista, mas também a situação de serventia a qual era submetida, pois, como grifado no fragmento, a tal mulata deixou de ser útil ao seu antigo “dono”, a partir do momento em que, mediante sua renúncia carnal como padre, não pôde mais usá-la sexualmente.

No primeiro capítulo, o primeiro parágrafo atua como criador do ambiente onde se inicia a trama, caracterizando-o e expondo detalhes, a fim de possibilitar ao leitor uma reprodução visual do cenário, bem como, já de início, deixa nítido, a partir do léxico utilizado, a primeira impressão e caracterização da então escrava, como observado a seguir:

– Xica diaba, cadê minhas calças? – correndo em ceroulas por entre os capados, galinhas, tomates, verduras, maianças de alhos, cebolas em réstria pendentes do teto; carnes salgadas e frescas farturas defumadas, em sua mansão da rua do Príncipe – Cadê minhas calças, moleca safada? (SANTOS, 2007, p. 9).

Esse processo de caracterização, utilizado pelo narrador, é definido por Brait (1990, p. 18) como o meio para a criação de uma ilusão da existência de espaços e personagens. Dessa forma, ocorre, na obra, a criação de uma realidade e não a reprodução do real, pois o autor seleciona e combina os elementos necessários para a manipulação do cenário ou do ser a ser evidenciado.

Tendo em vista que a personagem do texto narrativo consiste em um ser construído por meio de signos verbais e que sua representação é movimentada na narrativa a partir de suas ações e/ou estados, alguns elementos evidenciam as escolhas do narrador, para direcionar a visão do leitor, de acordo com sua perspectiva.

Diante disso, Santos (2007) utiliza da fala de um dos personagens para evidenciar o lugar e o papel social da personagem protagonista Xica da Silva, como veremos a partir da decomposição da frase na criação léxico-semântica para personagem, como:

- Inicialmente, um substantivo, um nome próprio individualiza e confere à existência da personagem a quem alguém (uma personagem ainda não identificada) está se dirigindo.
- Em seguida, um adjetivo pejorativo atribui característica negativa à personagem mencionada anteriormente.
- Por conseguinte, um questionamento, direcionado ao indivíduo caracterizado anteriormente, evidencia o lugar de responsabilidade e subserviência que ele ocupa naquele meio.
- Logo após, acontece a descrição de elementos existentes no cenário percorrido pelo personagem enunciador, à medida que ele se move pela cena, dando a impressão de movimento.
- E, por fim, o personagem volta a fazer uma pergunta, direcionando-a, de maneira pejorativa, à Xica, pelo substantivo “moleca” e atribuindo-lhe o adjetivo “safada”.

O segundo parágrafo dá continuidade à descrição do espaço, evidenciando a perspectiva temporal em que a trama ocorre, a partir da descrição da personagem que efetuou as ações descritas anteriormente e sua relação de poder, pois, para Santos (2007, p. 9), “Era o sargento-mor do distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio das minas gerais, del-rei dom José, o das monitórias, por nome corrido Manoel Frederico dos Santos Rangel”.

Durante os parágrafos que se seguem, é constantemente evidenciada a descrição e os adjetivos negativos, atribuídos a Xica, a partir da voz do personagem que a procura, o então “senhor” da escrava, como observado nestes fragmentos: “[...] porqueira de negra [...] “Xica negra! Traste ruim!” [...] - Negra! Xica! Vagabunda... [...] - Diabo de negra! (SANTOS, 2007, p. 9-10)

Levando em consideração essa perspectiva desmoralizante acerca de Xica da Silva e o fato de que o romance histórico, utilizado nesta análise, é datado em meados do séc. XVIII, é importante salientar que, segundo Brait (1990, p. 37), a partir da segunda metade do século XVIII, a concepção de personagem passa a ter caráter psicológico, ao entender o personagem como a representação do universo psicológico de seu criador.

Dessa forma, a personagem, sua natureza e sua função passam a ser

moldadas, de acordo com “as circunstâncias psicológicas e sociais que cercam o artista, os mistérios da criação” (BRAIT, 1990, p. 38). A partir disso, compreende-se que as constantes insinuações acerca do caráter de Xica e suas atribuições negativas, durante a trama, se dão bem mais pela visão do autor do que por um retrato fidedigno da personagem histórica.

Para tanto, iniciamos a caracterização da personagem a partir do narrador, que, na obra, atua em terceira pessoa, como narrador-observador. Dessa forma, a personagem “não é posta em cena por ela mesma, mas por suas aventuras, pelo relato de suas ações”. Além disso, a autora define que “O narrador em terceira pessoa simula um registro contínuo, focalizando a personagem nos momentos precisos que interessam ao andamento da história e à materialização dos seres que a vivem” (BRAIT, 1990, p. 55-56).

Ademais, de acordo com a teoria proposta por Foster (1927, apud Brait, 1990, p. 40-41), que caracteriza as personagens como planas ou redondas, de acordo com sua atuação na obra, a personagem Xica da Silva é definida como personagem redonda, pois “apresenta várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor”. Além disso, Xica é retratada como uma figura dinâmica, multifacetada, constituindo uma imagem total e, ao mesmo tempo, muito particular do ser humano.

Nesse sentido, para a construção dos traços ideológicos, sociológicos e dialetais, que contribuem para a caracterização dos personagens, o autor fez uso do discurso direto, uma vez que, no decorrer dos diálogos presentes na narrativa, “a personagem assume o estatuto de sujeito da enunciação: a sua voz autonomiza, esbatendo-se concomitantemente a presença do narrador” (REIS, 1988, p. 175).

Diante disso, conforme os estudos realizados por Reis (1988, p. 217), a obra *Xica da Silva*, apesar de evidenciar a opressão e a desqualificação do indivíduo a partir da cor e do lugar social de, até então, escrava, ocupado pela protagonista, esboça Xica da Silva como uma heroína histórica, ao retratar sua figura fortemente individualizada e destacada em relação aos demais personagens.

Desse modo, Xica desempenha a função de agente da ação na obra, atuando como condutora das ações, ao representar a força temática da trama e impulsionar as ações decorrentes da narrativa, ocupando, assim, a posição de personagem principal na narrativa.

Para tanto, na teoria proposta por Hamon (1972, p. 86-110 apud Brait, 1990,

p. 45), que classifica o tipo das personagens em “referenciais”, “embrayeurs” e “anáforas”, Xica da Silva é definida como uma personagem referencial, pois, por representar uma personagem histórica, ela se encontra “imobilizada por uma cultura, e sua apreensão e reconhecimento dependem do grau de participação do leitor nessa cultura”.

5.1 Eu, Chica ou Xica da Silva, romantizada na história

O romance histórico consiste em um gênero literário, em que a narrativa ficcional é estruturada sob acontecimentos históricos. Dessa forma, a composição do enredo, tempo e personagens possui uma verossimilhança com os documentos e dados históricos existentes na realidade, retratando o curso da história, a partir da reconstrução detalhada da história de um país. Nessa perspectiva,

No romance histórico [...] trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram e agiram de maneira precisa retratando como isso ocorreu na realidade histórica. E é uma lei da figuração ficcional [...] que, para evidenciar as motivações sociais e humanas da ação, os acontecimentos mais corriqueiros e superficiais, as mais miúdas relações [...] são mais apropriadas que os grandes dramas monumentais da história mundial (LUKÁCS, 2011, p. 60 apud COSTA, 2016, p. 26).

Diante disso, o romance histórico estabelece uma relação entre a literatura e a história, pois, de acordo com Alves (2013, p. 25), “o romance histórico é um gênero narrativo híbrido, surgido de um processo de combinação entre História e ficção” (2013, p. 35) e que “nasce sobre o pressuposto de diversas circunstâncias, sejam políticas, sociais ou culturais” (2013, p. 13), pois, segundo Lukács (2011, p. 19),

O romance histórico adquire, em suma, com a fusão dramática, mais historicidade. Ele, de fato, decorre do romance social do século XVIII, mas a migração de tendências dramáticas é o que possibilita à narrativa não apenas descrever a multiplicidade dos conflitos, mas intensificar a ação épica, fazendo do romance a pré-história do presente.

Portanto, para fins comparativos entre a história e a ficção existentes na obra de João Felício dos Santos, a obra documental *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio*, escrita pelo historiador Joaquim Felício dos Santos, em 1868, descreve os acontecimentos do Arraial de Tijuco e da região diamantina, no período de extração de diamantes.

Dessa forma, a ficção presente no romance permite uma reescrita do fato histórico ocorrido, de acordo com a perspectiva do autor, uma vez que “os romancistas buscam, através de suas obras, apresentar o passado, por meio da ficção com plena autonomia de invenção” (ALVES, 2013, p. 35). Nessa medida, torna-se possível a existência de diversas versões ficcionais de um mesmo período histórico abordado.

Nesse contexto, Costa (2016, p. 9) afirma que, “assim, o romance histórico permite-nos ter contato com a história de pessoas e classes que ficaram à margem da História, a exemplo das mulheres, escravos, negros, judeus, dentre outros”. Assim, na obra corpus de análise deste estudo, o romance histórico abordado é caracterizado como contemporâneo, uma vez que “eleva as personagens periféricas ao status de protagonista” (COSTA, 2016, p. 10).

Desse modo, evidencia-se que, na obra *Xica da Silva*, a personagem protagonista ocupa, inicialmente, o papel de escrava e, posteriormente, passa a exercer um lugar de poder e prestígio social, de tal modo que a narrativa se desenvolve a partir dos feitos da personagem e de suas artimanhas e desejos. Já na obra documental, apesar de ser destacada como importante adereço histórico, o enredo tem por enfoque os acontecimentos em torno do contratador João Fernandes e de Xica da Silva, portanto, ela ocupa um papel coadjuvante na história. Nessa perspectiva, Lukacs (2011, p. 67-68) afirma que

A grande personagem histórica, no papel de coadjuvante, pode gozar plenamente a vida como ser humano, aplicar na ação todas suas qualidades grandiosas e mesquinhas; porém, no enredo, ela é figurada de modo que só age, só chega à expressão de sua personalidade em situações historicamente importantes. Assim, atinge um desdobramento pleno e multifacetado de sua personalidade, mas apenas na medida em que esta personalidade está ligada aos grandes eventos da história.

Para tanto, compete trazer, para esta análise, abordagens acerca da personagem histórica Francisca da Silva de Oliveira, a fim de compreendermos a correlação entre o romance histórico de João Felício dos Santos e a descrição dos fatos históricos, presentes na obra *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio* (1868)

A fase histórica, que se passa a história de Xica da Silva, é o Ciclo do Diamante, ocorrido em um período da História do Brasil Colonial e que tem por principal característica a exploração dessa pedra preciosa. Esse ciclo teve início após as descobertas de minas de diamantes na segunda década do século XVIII, no

Arraial do Tejuco, atual Diamantina, em Minas Gerais.

Dessa forma, o enredo passa a ocorrer no Arraial do Tejuco, descrevendo todo o processo de exploração de diamantes, tendo por enfoque narrativo a vida de Xica da Silva, que é a representação da personagem histórica Francisca da Silva de Oliveira. Observa-se aqui a distinção feita entre Xica da Silva, com xis, para representar a figura ficcional de João Felício dos Santos, e Chica da Silva, com ch, para fazer referência à personagem histórica.

Francisca da Silva foi uma escrava brasileira, nascida no Arraial do Tejuco, em Serro Frio. Filha do português, capitão das ordenanças, Antônio Caetano de Sá e da africana Maria da Costa. Aos 22 anos, foi comprada pelo rico desembargador e contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira, que chegou ao Arraial em 1753. Foi alforriada e viveu em concubinato com o contratador, de modo que passou a ser chamada, oficialmente, de Francisca da Silva de Oliveira. Desta relação, o casal teve 13 filhos, os quais receberam o sobrenome do pai e uma boa educação.

Diante do controle exercido por João Fernandes na exploração de diamantes, Xica da Silva utiliza de sua prepotência, para exigir de seu companheiro a realização de seus caprichos. Assim, além de várias propriedades grandiosas e, até mesmo, da construção de um “mar”, a nova senhora do distrito diamantino era possuidora de diversos escravos e realizava as mais luxuosas festas e desfiles para exibir sua riqueza e seu luxo.

Sua união com o contratador de diamantes findou após João Fernandes ser preso e levado à Portugal, acusado de contrabandear os diamantes do império. Ainda assim, mesmo sem a presença do desembargador, Chica permaneceu em um lugar de respeito e poder na sociedade elitista de Minas Gerais, no século XVIII.

Partimos, portanto, da seguinte hipótese: o romance *Xica da Silva* (2007) aborda uma figura histórica, inserida na ficção, na qual o romancista traça seu perfil e atuação de acordo com sua visão crítica acerca de sua atuação na história.

Diante disso, apesar de haver uma distinção acerca das características hipersensuais de Xica da Silva, no romance histórico e nos documentos históricos, como em *As Memórias do Distrito Diamantino: Comarca de Serro Frio*, de Joaquim Felício dos Santos, a narrativa é verossímil com a sequenciação e a ocorrência dos fatos históricos.

Entretanto, evidencia-se que o romance finda com Xica da Silva em profunda desgraça e humilhação pública após a prisão do contratador, fato este divergente

dos dados históricos que apresentam Chica em uma posição social estável e de poder, mesmo após a prisão de João Fernandes.

Apesar de ser descrita na obra como de uma beleza marcante e hipersensualizada, o gênio vingativo, soberbo e astuto de Xica da Silva desprestigia sua imagem e atribui uma antipatia à parcela social da elite branca, retratando-os como oponentes em potencial e alvos de sua opressão, a qual busca reproduzir a partir de suas vivências como escrava, como exposto no fragmento a seguir:

Xica queria, por cima de tudo, o agrado da gente de sua cor, dos molequinhos bem negros, de piche, ranhentos, chorões... Mas queria também, mais ainda e conforme já ficou bem claro no que foi contado, a humilhação das pessoas brancas, sobretudo das bestas da nobreza de merda que, nobres, pra ela, não valiam o peido de um escravo molambento (SANTOS, 2007, p. 101).

A partir disso, observa-se, no decorrer da narrativa, a culpabilidade da desgraça e da perdição do contratador de diamantes pelos caprichos da figura negra feminina, a qual utiliza de sua maior característica – o sexo – para manipular a realização de suas vontades, mesmo que isso custe a queda de seu império:

Só uma mulher partilhava o seu poderio; era a sua amante Francisca da Silva, vulgarmente conhecida por Xica da Silva. Foi celebre esta mulher, única pessoa ante quem curvava-se o orgulhoso contratador; sua vontade era cegamente obedecida, seus mais leves ou frívolos caprichos prontamente satisfeitos (SANTOS, 1968, p. 143)

Percebemos que o autor enfatiza às características negativas da protagonista, não só na sua versão como escrava, mas também enquanto “dona do dono dos diamantes das minas gerais” (SANTOS, 2007, p. 84), sendo responsabilizada pelo fracasso do império e pela prisão de João Fernandes, devido aos seus luxos e caprichos realizados pelo sentimento que tornava o contratador “escravo de seu muito encanto” (SANTOS, 2007, p. 90).

A personagem Xica da Silva representa um rompimento de uma realidade colonialista, sendo uma negra que adquire poder e se coloca em posição de destaque em pleno Brasil colônia. Apesar de se encontrar sob a proteção do contratador João Fernandes, Xica da Silva não corresponde ao perfil de mulher que se submete aos moldes da sociedade patriarcal, uma vez que a história evidencia que ela moldava as escolhas do contratador, que fazia todos os seus gostos.

Além disso, tal personagem representa um rompimento do padrão social

colonialista, ao ser uma mulher negra, exercendo um lugar de poder e inserida na elite. Com isso, a obra retrata Xica da Silva como possuidora de autonomia, uma vez que tinha todos os seus caprichos realizados e não deixava se subjugar à autoridade masculina, antes mesmo a manipulava, com seus artifícios, de acordo com seus desejos.

Verificamos que a queda do império tem relação direta com a fraqueza de João Fernandes perante seu amor por Xica da Silva, tornando-se seu refém e escravo, pois cumpriu todos os desejos da protagonista e não foi capaz de manter o controle do império e das finanças, sendo posteriormente levado à corte de Portugal e preso.

Nessa perspectiva, a narrativa descreve as atitudes de Xica perante o controle do império, por meio do contratador, pensando tão somente em benefícios próprios, de modo que “Xica tornou-se exímia conhecedora da vida do garimpo e da técnica dos contrabandistas” e “já senhora de todos os macetes destinados a engordar o bolso particular do contratador, Xica penetrou fundo pelo terreno das ilegalidades” (SANTOS, 2007, p. 87).

Já na obra documental a culpa recai apenas sob a soberba do contratador: “O contratador, quanto mais favorecido pela fortuna, mais ambicioso se tornava. As condições do contrato se não observavam com a pontualidade constantemente recomendada por ordens da corte” (SANTOS, 1868, p. 146).

Além disso, a obra tece críticas à santidade da Igreja Católica e de sua moral, a partir da denúncia dos “santos de pau oco” para o contrabando dos diamantes e do pensamento desmoralizador e excludente dos párocos, como evidenciam os recortes a seguir:

Por cima de tudo, só a voz do pároco berrava de longe, só ele querendo ser bem escutado:

- Deus lhe abençoe, Senhora dona Xica! A senhora merece tudo o que faz por nossa pobreza! E bem o merece! Mil anos de vida pra senhora e mais por senhor contratador, um porto seguro do céu nesta terra...
Largando mais louvações por cima dos dois amigos (Homessa! Ora Sebo!) curvados à espera de Xica dobrar seu caminho, o pároco disse:
- Que Deus lhe acompanhe... lhe dê alegria... lhe dê... - e, por dentro, falando baixinho seu grande despeito: - Vá tomar no rabo, cachorra de negra, saca de merda! Você mais seu amo, ladrão miserável! (SANTOS, 2007, p. 114) Esta ordem de Nossa Senhora do Carmo é bem singular: nela só entram pessoas de cor branca, os negros e mulatos são excluídos. Nada é mais odioso e repugnante que a distinção de classes em uma religião, que nivelou todas as condições. Por certo não foi no Evangelho que os carmelitas encontraram o fundamento dessa distinção. Assim são muitas

coisas contra o verdadeiro espírito da religião cristã, que bem entendida é a única que pode ir à par dos progressos e civilização dos povos (SANTOS, 1868, p. 146)

Por fim, evidencia-se que, no romance histórico analisado, o relacionamento de Xica da Silva com o contratador diamantino é retratado como um caminho para a ascensão social da personagem afro-brasileira, de modo que o sucesso dessa empreitada é diretamente vinculado às suas atividades sexuais em troca de determinadas conquistas. Porém, na obra documental, Xica é descrita como um ser desprovido de feições atrativas, sem qualquer justificativa para tanta atração do contratador.

Tal realidade evidencia a distorção acerca da imagem da figura feminina negra na literatura brasileira, uma vez que a representação fictícia da figura histórica abordada obteve grande repercussão nos cinemas e novelas, propagando uma imagem estereotipada e discriminatória ao retratar Chica da Silva como uma figura vingativa, opressora e hipersexualizada.

6 CONCLUSÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, do gênero acadêmico monografia, investigou a representação da personagem histórica afro-brasileira, Francisca da Silva, no romance histórico contemporâneo, de José Felício dos Santos. Inicialmente, analisou-se o estado da arte da literatura de cunho afro-brasileiro, a qual pontuamos a estruturação desta literatura em sua temática, autoria, linguagem, ponto de vista e público, situando a obra corpus de análise desta pesquisa, a partir da categoria analítica da personagem.

Em seguida, foi abordado como o romance histórico *Xica da Silva*, de José Felício dos Santos, se constitui enquanto elementação histórica e ficcional, através da investigação de seus elementos narrativos. Diante disso, o percurso teórico-metodológico pelo qual seguimos foi orientado pela seção retórica proposição do tema “Xica da Silva: uma análise acerca da representação da personagem histórica afro-brasileira no romance histórico de João Felício dos Santos”.

Desse modo, a partir da análise realizada com fragmentos do romance histórico *Xica da Silva* (2007), de João Felício dos Santos, e da obra documental *Memórias do Distrito Diamantino: Comarca de Serro Frio* (1868), de Joaquim Felício dos Santos, constatamos que as obras analisadas retratam, de maneira diversificada, a história de uma mulher negra escrava, que ascende socialmente e passa a ocupar um lugar de prestígio social no período histórico do Brasil Colônia.

Para tanto, observou-se, durante a análise, simbólicas divergências entre as obras utilizadas, uma vez que uma delas, ao documentar o período histórico pelo qual o romance histórico se refere, aborda a personagem negra de forma distante, apesar de sua importância histórica e, por outro lado, evidencia e protagoniza a personagem afro-brasileira como propulsora dos acontecimentos.

Diante dessa constatação, apontamos também que as escolhas lexicais do autor, ao evidenciar uma personagem negra como protagonista de forma estereotipada e carregada de atribuições negativas, demonstra a existência histórica de um perpasso discriminatório e racista sobre o negro e suas atribuições na literatura brasileira e, neste caso, ocorrendo através da abordagem de uma personagem histórica, que ressignificou o lugar social do negro em sua trajetória.

Essa afirmação reforça que os aspectos da narrativa estão conforme a teoria do discurso histórico, o qual não traz novas informações, mas, sim, faz uma releitura

do período histórico abordado, a partir das interpretações e conhecimentos prévios do autor, podendo distorcer a imagem e a real participação e influência da personagem histórica, desmerecendo-a ou atribuindo-lhe uma carga negativa na história.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem a representação de figuras históricas negras e afro-brasileiras, a fim de compreendermos a distorção e a propagação da estereotipização e da discriminação da raça na cultura e na literatura brasileira. Esperamos que esta proposta possa contribuir para indagações existentes, assim como servir de fundamentação e provocação para outros estudos.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Bruno; SOARES, Antonio. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 4, p. 265-280, 2011.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria e Metodologia Literária**. Lisboa, 1990, p. 243-305.

ALVES, Simone dos Santos. **A rainha Santa Isabel**: mosaico da sua imagem no romance histórico. 2013. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/11615/1/PDF%20-%20Simone%20dos%20Santos%20Alves.pdfv>. Acesso em: 29 abr. 2021.

BIOGRAFIA. João Felício Dos Santos. **Dicionário Cravo Albin Da Música Popular Brasileira**, Disponível em: dicionariompb.com.br/joao-felicio-dos-santos/biografia. Acesso em: 29 abr. 2021.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática. 1990, p. 28-47.

BRASIL. **Lei nº 10639**. Planalto. 2003. Disponível em: [L10639 \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 16 nov. 2020.

COSTA, Rosemeri Veríssimo Santana da. **Leonor Teles**: Flor de Altura e Aleivosa em dois romances. 2016. Disponível em: <Biblioteca Campus III - Guarabira> Acesso em: 29 abr. 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e Afrodescendência. **Portal Literafro**. 2000, p.1-12. [Artigo Científico - online]. Disponível em: www.letras.ufmg.br/literafro. Acesso em: 18 ago. 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Portal Literafro**. 2011, p.1-17 [Artigo Científico - online]. Disponível em: www.letras.ufmg.br/literafro . Acesso em: 18 ago. 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. Margens da história: a revisitação do passado na ficção afro-brasileira. In: SISCAR, Marcos; NATALI, Marcos (Orgs.). **Margens da democracia**: a literatura e a questão da diferença. Campinas, SP / São Paulo, SP: Editora da Unicamp / Editora da USP, 2015, p. 167-189.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

FERREIRA, Lígia F. “Negritude”, “Negridade”, “Negrícia”: história e sentidos de três conceitos viajantes. **Via Atlântica**. 2006, p.163-184. [Artigo Científico - online]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50048/54176>. Acesso em: 25 ago. 2020.

FERREIRA, Simone dos Santos Alves. O resgate memorialístico e paródico da

história da rainha Isabel de Aragão nos romances Memórias da rainha santa (2009) e Os pecados da rainha santa Isabel (2010). **Literatura, História e Memória**. Disponível em: <https://www.seminariolhm.com.br/site/simposios/04/23.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana (Orgs). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2.ed rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas. 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LUKÁCS, Gyorgy. **O romance histórico**. Tradução de Rubens Enderl. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix. 2004.

OLIVEIRA, Luiz Henrique da Silva de. **Das máscaras africanas ao romance brasileiro do século XX – Literatura Afro-Brasileira**. 2018Ufmg.br. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/155-luiz-henrique-silva-de-oliveira-das-mascaras-africanas-ao-romance-brasileiro-do-seculo-xx>. Acesso em: 30 abr. 2021.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PINHEIRO, Hélder. **Pesquisa em Literatura**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

PROENÇA FILHO, Domicio. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados** 18 (50). 2004. p.161-193.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

SANTOS, João Felício dos. **Xica da Silva**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

SANTOS, João Felício dos. **Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio**. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1968.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré de. (Orgs.). Literatura afro-brasileira. Salvador: **Centro de Estudos Afro-Orientais**; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829041615/pdf_257.pdf. Acesso em: 18 nov 2020.